

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.013](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.013)

# PREVENÇÃO DO SUICÍDIO NO AMBIENTE ESCOLAR: DIRETRIZES PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

## Viviane Alves dos Santos Bezerra

Formada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG);  
Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, vivianebezerrapsi@gmail.com;

## Lilian Kelly de Sousa Galvão

Doutora em Psicologia, Professora do Curso de Psicopedagogia da Universidade  
Federal da Paraíba-PB, liliangalvao@yahoo.com.br;

## Marília Pereira Dutra

Formada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG);  
Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, mdu-  
tracg@gmail.com;

## Sara Pereira dos Santos

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG),  
sara.pereira04@gmail.com.

## RESUMO

O suicídio é um grave problema de saúde pública que atinge principalmente adolescentes e jovens em todo o mundo. As estatísticas de suicídio, já alarmantes entre esse público, foram agravadas pela pandemia, e levaram a Organização Pan-Americana de Saúde a tornar a prevenção do suicídio um imperativo para os governos atuais. Nesse contexto, a escola se apresenta como um ambiente privilegiado para efetivar ações de prevenção, pois é nela que adolescentes e jovens passam a maior parte do seu tempo. Entretanto, estudos apontam que, na maioria das vezes, os profissionais da educação se sentem despreparados para abordar tal temática, o que acaba impedindo

que estes figurem como vetores de prevenção. Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo geral oferecer diretrizes teóricas e práticas de como profissionais da educação podem trabalhar a prevenção do suicídio no ambiente escolar. Para isto, foi realizada uma revisão narrativa da literatura, pautando-se em estudos recentes no âmbito da suicidologia. Os resultados da revisão narrativa foram organizados em três categorias que evidenciaram pontos importantes a serem observados por profissionais da educação na prevenção do suicídio: 1) Conhecimento sobre o suicídio; 2) Promoção da empatia; e 3) Discussão de temas transversais. Espera-se que o conhecimento gerado por este trabalho contribua para a formação de agentes de prevenção ao suicídio no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Suicídio, Adolescentes, Jovens, Prevenção, Intervenção.

## INTRODUÇÃO

O suicídio é um grave problema de saúde pública, que vem aumentando consideravelmente nas últimas décadas e ocasiona cerca de 800 mil óbitos por ano em todo o mundo (WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO, 2019). As estatísticas acerca do suicídio tornam-se ainda mais alarmantes quando se considera o público adolescente e jovem, tendo em vista que esta é a parcela da população na qual mais se tem crescido o número de comportamentos suicidas (HAWTON et al., 2020; STEWART et al., 2019; WHO, 2019). Ao observar o cenário mundial, nota-se que a morte por suicídio ocupa o segundo lugar entre as causas de falecimento de pessoas na faixa etária entre 15 e 29 anos; já no contexto brasileiro, o suicídio figura como a terceira causa da morte dessa população (SECRETARIA DE SAÚDE – BA, 2020; WHO, 2019).

O alto índice de comportamentos suicidas entre esse público é atribuído a diversos fatores, considerando-se como um agravante a própria etapa de desenvolvimento em que se encontra. Conforme indica a literatura na área, a adolescência e a juventude são etapas do desenvolvimento notadamente marcadas por múltiplas transições biológicas, psicológicas, sociais e afetivas que, em geral, são acompanhadas de conflitos e angústias que, quando não compreendidos pelas pessoas que estão ao seu redor, podem levar a atos extremos e violentos (GARCÍA et al., 2015; MOREIRA; BASTOS, 2015; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Este quadro, que já era preocupante, foi agravado pela pandemia da COVID-19, tendo em vista que, nessa ocasião, os adolescentes e jovens se viram obrigados a permanecer isolados de seus pares e a conviver com o medo de uma doença que, até então, era desconhecida, ocasionando o afrouxamento de seus vínculos sociais e despertando sofrimento psicológico e emocional (MILIAUSKAS; FAUS, 2020). De fato, observou-se que os sintomas de ansiedade, depressão e estresse em adolescentes e jovens dobraram durante a pandemia (CARVALHO; 2021; MOIANO, 2021).

O cenário ora apresentado levou a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2021) a solicitar que os governos priorizassem a prevenção do suicídio entre o público adolescente e jovem, enfatizando a importância de que as ações de prevenção

sejam desenvolvidas por diversos setores na sociedade, não apenas no âmbito da saúde. Diante disso, a escola se apresenta como um lugar privilegiado para trabalhar essa questão, tendo em vista que é nesse ambiente que os adolescentes e jovens passam grande parte do seu tempo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS, 2000). Ademais, a literatura demonstra que as ações de prevenção do suicídio desenvolvidas nas escolas são consideradas uma das formas mais eficazes de abordar o problema do suicídio entre adolescentes e jovens, além de serem capazes de promover a procura de ajuda entre esse público (MO; KO; XIN, 2018).

Em face do exposto, compreende-se, então, que os profissionais da educação, apesar de não serem especialistas em saúde mental, desempenham um papel importante na prevenção do suicídio de adolescentes e jovens, tendo muitas oportunidades de contato e interação direta com os mesmos. Por possuírem uma relação privilegiada com os alunos, eles podem observar comportamentos atípicos que se configurem como sinais de risco para o suicídio e oferecer-lhes o apoio necessário (MO; KO; XIN, 2018). Por outro lado, as pesquisas têm evidenciado que a maioria dos educadores se sente desconfortável e despreparada para abordar o tema suicídio (OMS, 2000). De modo específico, os profissionais relatam falta de habilidades para responder aos sinais e comportamentos suicidas dos alunos (BRITO et al., 2020). Além disso, muitos podem evitar a temática para não se depararem com suas próprias questões emocionais ou, ainda, para não aumentarem a angústia dos alunos, tendo em vista o mito difundido na sociedade que falar sobre o suicídio pode precipitar tal comportamento (OMS, 2000). Por fim, a literatura também indica que alguns profissionais se omitem diante do comportamento suicida dos alunos por acreditarem que não é da sua competência intervir (BURNETTE; RAMCHAND; AYER, 2015).

Na tentativa de instrumentalizar os profissionais da educação como vetores de prevenção do suicídio, e sanar o déficit encontrado por eles para abordar temáticas relativas à saúde mental, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2000) lançou um manual que aborda a prevenção do suicídio nas escolas. Este manual faz parte da SUPRE (*Suicide Prevention Program*), uma iniciativa mundial que destinou manuais a grupos específicos, profissionais e sociais,

particularmente relevantes na prevenção do suicídio. O manual voltado para professores e educadores aborda quatro temáticas principais: 1) Fatores de proteção; 2) Fatores e situações de risco; 3) Como identificar estudantes em conflito e com possível risco de suicídio; e 4) Como se deve manejar os estudantes sob risco de suicídio. Apesar de ser um norte inicial acerca de como o suicídio deve ser abordado no ambiente escolar, o manual publicado pela OMS (2000), acaba não se aprofundando de forma suficiente em algumas temáticas. Por exemplo, o material menciona a importância da empatia no contato com pessoas em risco de suicídio, mas não se aprofunda nas características dessa habilidade, nem como ela poderia ser trabalhada no ambiente escolar.

Diante das limitações observadas no manual da OMS (2000), e considerando-se as publicações mais recentes no campo da suicidologia, o objetivo geral do presente trabalho é oferecer conhecimento teórico e prático de como profissionais da educação podem trabalhar a prevenção do suicídio no ambiente escolar. Para isto, será realizada uma revisão narrativa da literatura, observando-se as contribuições dos estudos recentes no âmbito da prevenção do suicídio na escola.

Espera-se que o conhecimento gerado por este trabalho contribua para a formação de agentes de prevenção ao suicídio no ambiente escolar, especialmente tendo em vista a necessidade de repensar as práticas educativas frente as consequências psicossociais deixadas pela pandemia.

## METODOLOGIA

O estudo em questão é de natureza qualitativa, do tipo descritivo. Para sua construção realizou-se uma revisão narrativa da literatura acerca de como efetivar a prevenção do suicídio no ambiente escolar.

Sublinha-se que a revisão narrativa da literatura é caracterizada como um tipo de revisão que objetiva descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual. De forma concreta, as revisões narrativas constituem-se da análise da literatura publicada em diversas

fontes como livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas, interpretadas e analisadas criticamente (ROTHER, 2007).

No caso do presente trabalho, a revisão foi realizada a partir da busca e da leitura de artigos publicados em periódicos científicos, nacionais e internacionais, revisados por pares. Os trabalhos levantados foram organizados e sistematizados em categorias de análise, que abordaram aspectos conceituais e metodológicos de como trabalhar a prevenção do suicídio no ambiente escolar.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no levantamento bibliográfico realizado, os resultados foram organizados em três categorias analíticas: (1) Conhecimento sobre o suicídio; (2) Promoção da empatia; e (3) Discussão de temas transversais. Cada uma das categorias será apresentada e discutida a seguir.

### CONHECIMENTO SOBRE O SUICÍDIO

Devido aos altos riscos envolvidos no cuidado às pessoas que apresentam comportamentos suicidas, não se deve presumir que os profissionais da educação se sentirão capazes de se envolver em estratégias de prevenção sem que possuam um conhecimento adequado sobre o tema. Nesse sentido, infere-se que ter um alto nível de conhecimento sobre o suicídio, pode contribuir para aumentar o engajamento de tais profissionais nessas situações de risco.

O conhecimento ou alfabetização sobre o suicídio é definido a partir da concepção proposta por Jorm (2000) de alfabetização em saúde mental, que se caracteriza como uma combinação de conhecimentos e crenças orientados para a saúde que capacitam as pessoas no reconhecimento, prevenção e gestão de condições de saúde. Esta estrutura abrangente incorpora o conhecimento sobre a prevalência de um transtorno ou comportamento, bem como os sinais e sintomas, causas, fatores de risco, prevenção e tratamentos associados a ele. Embora essa estrutura tenha sido desenvolvida para os transtornos mentais, ela também pode ser aplicada à avaliação do conhecimento público relacionado aos comportamentos suicidas (CALEAR et al., 2021).

Dentre os diversos benefícios de se promover o conhecimento sobre suicídio, a literatura atual destaca três principais. Primeiro, pesquisas têm revelado que um maior conhecimento sobre o suicídio aumenta o envolvimento em ações de prevenção. Estudos empíricos, como o de King, Vidourer e Strader (2008), demonstram que alunos que receberam educação sobre suicídio no ensino médio se sentiram significativamente mais confiantes do que os alunos que não receberam educação sobre suicídio em reconhecer um amigo em risco de suicídio, perguntar a um amigo se ele é suicida, conversar com outras pessoas para determinar se um amigo é suicida, e oferecer apoio a um amigo em risco. Nesse sentido, nota-se como o conhecimento sobre o suicídio pode ser um fator crítico para determinar o envolvimento da comunidade escolar em ações de prevenção.

Em segundo lugar, pesquisas também têm demonstrado que níveis mais altos de conhecimento sobre o suicídio estão relacionados ao comportamento adequado de busca de ajuda (ALMEIDA et al., 2020; AL-SHANNAQ; ALDALAYKEH, 2021; ARAFAT et al., 2022; CALEAR et al., 2021), o que indica que melhorar a literacia sobre o suicídio pode levar as pessoas em risco a procurar ajuda nas fontes adequadas, tendo em vista que na maioria dos casos pessoas em risco optam por buscar apoio em fontes informais, como amigos e líderes religiosos (BRÁS et al., 2017). Por fim, observa-se que aumentar a compreensão sobre o suicídio contribui para reduzir o estigma em torno do tema, o que pode colaborar muito para a prevenção (SCAVACINI, 2018).

Desse modo, em consonância com as pesquisas recentes no campo da suicidologia, nota-se que é necessário que a comunidade escolar tenha informação e formação adequada no que se refere ao tema, a fim de que possam oferecer o cuidado adequado e efetivo que as pessoas em risco necessitam (PRADO; PINTO, 2020). Nesse sentido, é crucial, como primeiro passo para a prevenção do suicídio na escola, que toda a comunidade escolar possua os conhecimentos adequados sobre o tema, tendo em vista que, a capacidade de reconhecer os sinais de risco de suicídio e os recursos de prevenção disponíveis facilitaria o encaminhamento dos sujeitos em perigo aos serviços de saúde mental o mais cedo possível.

Entretanto, ainda que promover o conhecimento adequado sobre o comportamento suicida seja o passo inicial para prevenção no ambiente escolar, considera-se que essa ação por si só não é suficiente para motivar o engajamento em ações de prevenção. Por vezes, é possível, ainda que se tenha o conhecimento adequado sobre o suicídio, que o sofrimento de uma pessoa em risco passe despercebido, caso não se possua a capacidade de se colocar no lugar do outro e inferir seus sentimentos. Nesse sentido, é que a empatia, discutida no tópico a seguir, tem se destacado como uma variável importante na prevenção do suicídio.

## PROMOÇÃO DA EMPATIA

Conforme mencionado anteriormente, a empatia já havia sido apontada no manual da OMS (2000), como uma variável importante na prevenção do suicídio. Contudo, essa habilidade é mencionada de forma genérica, sem que seja dedicado um espaço adequado para apresentar a sua definição, os seus benefícios e como pode ser promovida. Desse modo, neste tópico buscar-se-á propiciar aos profissionais da educação uma visão mais abrangente do que é a empatia e como ela pode estar associada a prevenção do suicídio.

De acordo com Martin Hoffman (2000), a empatia é definida como:

A capacidade de uma pessoa para colocar-se no lugar da outra, inferir seus sentimentos e, a partir do conhecimento gerado por esse processo, dar uma resposta afetiva mais adequada para a situação da outra pessoa do que para sua própria situação (p. 285).

Nesta definição nota-se que, para o autor, a empatia não se caracteriza como uma correspondência exata dos sentimentos do observador com os da vítima, mas sim, de uma aproximação desses sentimentos, que motiva o observador a desenvolver respostas pró-sociais. A definição proposta por Hoffman (2000) vai ao encontro daquilo que é discutido pelo psicólogo Carl Rogers (1977), que postulou que ao empatizar com alguém, o indivíduo nunca deve

perder de vista o “como se”, ou seja, sempre deve lembrar que não é, de fato, o outro.

Hoffman (2000) define, ainda, a empatia como um construto multidimensional, que engloba as dimensões afetiva, cognitiva e motivacional. A dimensão afetiva, seria caracterizada pela tendência a reconhecer e experimentar sentimentos semelhantes aos do outro; já a dimensão cognitiva, diz respeito à capacidade de adotar a perspectiva do outro e de inferir corretamente seus sentimentos e pensamentos; e, por sua vez, a dimensão motivacional, como o próprio nome sugere, está relacionada a motivação para executar comportamentos pró-sociais, sendo o resultado da interação entre os processos afetivos e cognitivos.

É válido ressaltar que o estudo e o interesse pela empatia não são novos, tendo sido observados pela primeira vez no século XVIII quando o filósofo moral e economista escocês Adam Smith, escreveu a obra *Teoria dos Sentimentos Morais*. Entretanto, uma das razões pelas quais o estudo da empatia permanece sendo um tópico atual, mesmo após mais de um século de investigações, deve-se aos comprovados benefícios que essa habilidade proporciona para a vida individual e social. Estudos demonstram que a empatia: 1) se associa positivamente com o desenvolvimento moral (GALVÃO, 2010); 2) é eficaz no enfrentamento ao *bullying* na infância e na adolescência (BEZERRA; GALVÃO, 2020; BEZERRA; GALVÃO, 2021); 3) motiva comportamentos pró-sociais e altruístas (DUTRA et al., 2017); 3) diminui os comportamentos agressivos (DUTRA; GALVÃO; CAMINO, 2020), e está relacionada a facilitação da aprendizagem, viabilizando uma aprendizagem mais significativa (SOUSA, 2020). Ademais, tendo em vista os interesses do presente trabalho, estudos também têm demonstrado que a empatia pode ser eficaz na prevenção do suicídio (BEZERRA et al., 2021; DANTAS, 2015; MUELLER; WASS, 2002).

O estudo de Dantas (2015), por exemplo, que teve como objetivo analisar a correlação entre ideação suicida e empatia em estudantes de medicina de uma instituição pública, demonstrou a existência de uma correlação negativa entre esses dois construtos, ou seja, quanto maior a empatia, menor a presença de ideação suicida. Diante desses resultados, a autora discutiu que essa habilidade poderia servir como um fator protetor à saúde mental dos

estudantes. Já os trabalhos de Mueller e Wass (2002) e de Bezerra et al. (2021), que foram realizados com jovens e jovens-adultos estudantes universitários, evidenciaram que altos níveis de empatia estavam associados a uma maior disposição para ajudar pessoas em risco de suicídio. De modo específico, o estudo de Bezerra et al. (2021) demonstrou que as diferentes dimensões da empatia (afetiva e cognitiva) eram capazes de prever de forma significativa a disposição de jovens e jovens-adultos para ajudar pessoas em risco de suicídio.

Em face do apresentado, fica nítido que a promoção da empatia no ambiente escolar não deve ser vista apenas como uma atividade extracurricular cujo acréscimo é interessante, ou ainda como algo a ser realizado de maneira pontual, mas, na realidade, merece ser parte fundamental do currículo escolar. Mary Gordon, fundadora de um dos programas de ensino da empatia mais bem-sucedidos do mundo, defende que a educação empática é vital para o bem-estar de crianças e adolescentes e uma pedra angular da inteligência emocional (GORDON, 2002).

Desse modo, tendo o conhecimento que a empatia é importante em ações de prevenção do suicídio, e sabendo que essa habilidade pode ser promovida, os profissionais da educação podem utilizar estratégias interventivas bem-sucedidas e eficazes para desenvolver a empatia no ambiente educacional, visando especificamente engajar os alunos em ações de prevenção do suicídio. É válido salientar que alguns estudos recentes têm fornecido diretrizes de como a empatia pode ser trabalhada em sala de aula (para mais detalhes ver BEZERRA; GALVÃO, 2021; GALVÃO; DUTRA; BEZERRA, 2021; 2022).

Até o momento, discutiu-se a importância de que, para efetivar ações de prevenção do suicídio no ambiente escolar, os profissionais da educação devem buscar adquirir e promover um maior conhecimento sobre o suicídio, bem como devem estimular a empatia. Entretanto, talvez aqui se apresente uma questão: como fazer isso no cotidiano escolar, sem saturar a temática do suicídio e sem restringir as ações de prevenção apenas a campanhas como o Setembro Amarelo? É nesse contexto, que se aponta a importância de que a temática do suicídio seja incorporada a discussão de temas transversais, como pode ser observado no tópico a seguir.

## DISCUSSÃO DE TEMAS TRANSVERSAIS

Muitos especialistas em saúde mental compartilham o ponto de vista de que pode não ser o método mais eficaz ensinar aos jovens sobre o comportamento suicida de forma explícita, tendo em vista a importância de observar o fenômeno do suicídio a partir de uma perspectiva biopsicossocial. Nesse sentido, eles recomendam que assuntos relacionados ao suicídio sejam abordados através de uma ótica positiva de saúde mental e por meio de temas transversais (OMS, 2000).

Desse modo, pode-se compreender que as ações de prevenção do suicídio realizadas no ambiente escolar não são aquelas restritamente voltadas a este tema, mas toda e qualquer ação que se relacione com a prevenção dos fatores de risco e com o fortalecimento dos fatores de proteção, tendo como público-alvo toda a comunidade escolar: estudantes, responsáveis e profissionais da escola (PRADO; PINTO, 2020).

Em face do exposto, levanta-se o seguinte questionamento: que temas então devem ser abordados para promover a prevenção do suicídio na escola? Inicialmente, cabe esclarecer que todo tipo de vulnerabilidade psicossocial aumenta o risco de suicídio (PRADO; PINTO, 2020). Conseqüentemente, ao abordar temáticas que visem a prevenção, a diminuição e a eliminação de todo e qualquer tipo de vulnerabilidade, os profissionais estarão contribuindo para a prevenção do suicídio.

De modo geral, alguns estudos dão indícios de temas transversais que podem ser adotados para se trabalhar a prevenção do suicídio de forma periférica. A pesquisa de Bezerra et al. (2022), por exemplo, realizada com 32 estudantes do ensino médio objetivou verificar o que, na opinião dos participantes, levaria as pessoas a morrer por suicídio. Dentre as respostas dos estudantes se destacaram: os conflitos amorosos e familiares, o *bullying*, o preconceito tanto relacionado a questões raciais como de gênero, transtornos psicológicos, sentimento de desesperança e desejo de fugir dos problemas. Esses achados corroboram a pesquisa realizada por Sampaio et al. (2000) que, ao investigar as explicações de estudantes secundaristas para o fenômeno do suicídio, encontraram explicações relacionadas a fatores intrapessoais, interativos/sociais,

psicológicos e biológicos. De modo semelhante, em uma pesquisa realizada sobre comportamento suicida em adolescentes de 32 países de baixa e média renda, na maioria deles, os fatores associados à ideação suicida incluíram experiência de *bullying* e violência física, solidão, suporte parental limitado e uso de álcool e tabaco (PRADO; PINTO, 2020). Em face do exposto, percebe-se que a literatura já indica algumas temáticas comuns que podem ser debatidas pelos profissionais no cotidiano escolar.

Para possibilitar uma melhor visualização de como os temas transversais poderiam ser abordados, menciona-se o trabalho de Bezerra e Galvão (2021), que apresenta um modelo de intervenção que pode ser adotado pelos profissionais da educação. De modo específico, o estudo das autoras objetivou trabalhar a prevenção do suicídio, a partir da discussão sobre o *bullying*, tendo em vista que este fenômeno vem sendo frequentemente associado ao suicídio na adolescência. A proposta de intervenção apresentada pelas autoras se baseou na promoção da empatia, já mencionada anteriormente como um fator de prevenção do suicídio. A intervenção proposta deveria acontecer em 4 etapas: (1) aquecimento, etapa em que ocorre a sensibilização e introdução dos participantes no tema a ser trabalhado; (2) dramatização, momento em que os participantes serão estimulados a experimentar o lugar do outro visando o desenvolvimento da empatia; (3) compartilhar, etapa na qual será realizada a reflexão e discussão acerca do que foi experienciado; e, (4) comportamento pró-social, etapa em que os participantes são incentivados a praticar o que aprenderam.

A intervenção proposta por Bezerra e Galvão (2021) permite que a temática do suicídio seja trabalhada de forma periférica a partir de temas transversais; e, além disso, estimula o desenvolvimento da empatia e de comportamentos pró-sociais. Destarte, nota-se que não apenas é necessário, como também é possível trabalhar a temática do suicídio no ambiente escolar. Mesmo aqueles profissionais que se sentem inseguros em abordar o tema de forma direta, podem se valer dos temas transversais para abordar os fatores de risco e de proteção para o suicídio de maneira periférica.

Por fim, é importante mencionar que, apesar de a literatura indicar temas que comumente são associados ao suicídio de adolescentes e jovens, cada ambiente escolar terá problemáticas

próprias para enfrentar. Dessa forma, é possível que um tema relevante para determinada comunidade não o seja para outra. Assim, antes de abordar qualquer temática é crucial que os profissionais da educação façam um levantamento dos problemas mais importantes para a comunidade escolar em que estão inseridos, de modo a tornar a discussão significativa para todos os envolvidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral oferecer conhecimento teórico e prático de como os profissionais da educação podem abordar o tema do suicídio no ambiente escolar. Para isso, foi realizada uma análise crítica da literatura recente sobre a temática. A partir dos resultados apresentados, acredita-se que esse objetivo tenha sido atingido.

Entretanto, é importante considerar que o trabalho em tela conta com algumas limitações, relacionadas a metodologia utilizada. Mais precisamente, a revisão narrativa da literatura aqui apresentada não foi capaz de abarcar todas as lacunas que precisam ser preenchidas para que os profissionais da educação atuem como vetores de prevenção do suicídio. Nesse sentido, sugere-se que, em estudos futuros, revisões mais abrangentes possam ser realizadas.

Ademais, é válido ressaltar que ter pensamentos sobre a própria finitude, em algum momento da vida, não é incomum. Na realidade, muitas vezes, esses pensamentos são parte do processo de desenvolvimento da passagem da infância para a adolescência e a juventude. Os comportamentos suicidas se tornam preocupantes quando a concretização dos mesmos parece ser a única solução para os problemas enfrentados. Quando isso ocorre, cabe a todas as pessoas envolvidas no cuidado dos sujeitos em risco intervir. Neste sentido, se informar e debater sobre o suicídio não é só uma questão de especialistas em saúde mental, ou dos denominados “suicidologistas”, mas trata-se de um tema a ser enfrentado por todos aqueles que se encontram ao lado de pessoas fragilizadas e que, face a dor da existência, não encontram outra forma para encaminhá-la que não pela consumação do suicídio.

Para concluir, é válido lembrar que ao ter como função social a formação voltada à liberdade e dignidade humana, a escola

carrega a prerrogativa de promoção da vida já em sua natureza. Sendo esta uma vida digna, em favor da liberdade e igualdade de direitos. Assim, espera-se que o presente trabalho tenha servido para fornecer aos educadores maior segurança ao abordar a temática do suicídio no ambiente escolar, bem como lembrá-los que seu compromisso com os adolescentes e jovens não se restringe a transmissão de conteúdos formais. Muitas vezes, os profissionais da educação podem ser a ponte entre os sujeitos em risco e as fontes adequadas de ajuda.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. M.; CAMPOS, J. G. F.; CUNHA, A. F.; SALDANHA-SILVA, R. Tradução e Adaptação da “Stigma Of Suicide Scale – Short Form” e da “Literacy Of Suicide Scale – Short Form”: Evidências Preliminares. **Revista Interdisciplinar de Ciências Médicas**, v. 4, n. 2, p. 36-43. 2020.

AL-SHANNAQ, Y.; ALDALAYKEH, M. Suicide literacy, suicide stigma, and psychological help seeking attitudes among Arab youth. **Current Psychology**. 2021. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02007-9>

ARAFAT, S. M. Y.; HUSSAIN, F.; HOSSAIN, F.; ISLAM, A.; MENON, V. Literacy and stigma of suicide in Bangladesh: Scales validation and status assessment among university students. **Brain and Behavior**, v. 12, n. 1, 2022. <https://doi.org/10.1002/brb3.2432>

BEZERRA, V. A. S., CAMINO, C. P. S., GALVÃO, L. K. S., & SAMPAIO, L. R. Predictive Variables of Young People’s Willingness to Help People at Risk of Suicide. **Trends in Psychology**, v. 30, p. 186–205. 2021. <https://doi.org/10.1007/s43076-021-00108-9>

BEZERRA, V. A. S.; GALVÃO, L. K. S. A promoção da empatia como estratégia de prevenção ao *bullying* na infância. In: MELLO, R. G.; FREITAS, P. G. (Orgs.). **Saberes, experiências e práticas na educação contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora e-Publicar. 2020.

BEZERRA, V. A. S.; GALVÃO, L. K. S. *Bullying* e suicídio na adolescência: proposta de intervenção para o ambiente educacional. In: CASTRO, P.

A. (Org.). **Educação como (re) Existência**: mudanças, conscientização e conhecimentos. Campina Grande-PB: Realize Editora, 2021.

BEZERRA, V. A. S.; SOUSA, R. S.; ALEIXO, A. S.; DINIZ, F. C. O. R. Representações sociais de estudantes sobre a pessoa que se suicida. In: CASTRO, P. A.; SILVA, G. C. C.; SILVA, A. V.; SILVA, G.; CAVALCANTI, R. J. S. (Orgs.). **Escola em tempos de conexões**. Campina Grande: Realize Editora. 2022.

BRÁS, M.; CARMO, C.; JESUS, S. N. Estudo das Propriedades Psicométricas do Inventário de Reconhecimento de Sinais de Alerta para Atos Suicidas. **Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación**, v. 43, n. 1, p. 89-105. 2017. [https://doi.org/10.21865/RIDEP43\\_89](https://doi.org/10.21865/RIDEP43_89)

BRITO, M. D. L. S.; SILVA-JÚNIOR, F. J. G.; COSTA, A. P. C.; SALES, J. C. S.; GONÇALVES, A. M. S.; MONTEIRO, C. F. S. Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. **Escola Anna Nery**, v. 24, n. 4. p. 1-7. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0109>

BURNETTE, C.; RAMCHAND, R.; AYER, L. Gatekeeper Training for Suicide Prevention: A Theoretical Model and Review of the Empirical Literature. **Rand Health Quarterly**, v. 5, n. 1, p. 1-18. 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5158249/>>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

CALEAR, A. L.; BATTERHAM, P. J.; TRIAS, A.; CHRISTENSEN, H. The Literacy of Suicide Scale: Development, Validation, and Application. **Crisis**, p. 1-6. 2021. <https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000798>

CARVALHO, P. Sinais de depressão e ansiedade dobraram em jovens na pandemia, diz estudo. Veja. 17 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/sinais-de-depressao-e-ansiedade-dobraram-em-jovens-na-pandemia-diz-estudo/>>. Acesso em: 29 de junho de 2021.

DANTAS, N. D. S. M. **Ideação suicida e empatia**: um estudo correlacional em estudantes de medicina de uma universidade pública. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco,

Pernambuco, 85f, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/15251>>. Acesso em: 21 de junho de 2022.

DUTRA, M. P.; BEZERRA, V. A. S.; SILVA, A. S.; ABREU, G. A.; GALVÃO, L. K. S. Empatia e comportamento pró-social: intervenção educacional na infância. In.: **Anais IV CONEDU**. João Pessoa: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/36711>>. Acesso em: 19 de junho de 2022.

DUTRA, M. P.; GALVÃO, L. K. S.; CAMINO, C. P. S. Promoção da empatia para redução de comportamentos agressivos: análise do grupo focal. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 46497-46505, 2020. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n7-326>.

GALVÃO, L. K. S. **Desenvolvimento moral e empatia**: medidas, correlatos e intervenções educacionais. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 299f, 2010. Disponível em: <[http://empatiaaescola.org.br/wp-content/uploads/2017/10/SOUSA-GALVÃO-L-Desenvolvimento-Moral-e-Empatia\\_Medidas-Correlatos-e-Intervenções-Educacionais-.pdf](http://empatiaaescola.org.br/wp-content/uploads/2017/10/SOUSA-GALVÃO-L-Desenvolvimento-Moral-e-Empatia_Medidas-Correlatos-e-Intervenções-Educacionais-.pdf)>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

GALVÃO, L.; DUTRA, M. P.; BEZERRA, V. A. S. O desenvolvimento da empatia: conhecimento teórico e prático para profissionais da educação. In: CASTRO, P. A.; SILVA, G. C. C.; SILVA, A. V.; SILVA, G.; CAVALCANTI, R. J. S. (Orgs.). **Escola em tempos de conexões**. Campina Grande: Realize Editora. 2022.

GALVÃO, L.; DUTRA, M. P.; BEZERRA, V. A. S. O Desenvolvimento da Empatia na sala de aula: pesquisas e intervenções com crianças e adolescentes. In: CASTRO, P. A. (Org.). **Educação como (re) Existência**: mudanças, conscientização e conhecimentos. Campina Grande-PB: Realize Editora, 2021.

GARCÍA, J. E. G. A.; MONTOYA, R. Q.; LOYO, L. M. S.; LÓPEZ, T. M.; GAITÁN, J. I. C. Consenso Cultural sobre el Intento de Suicidio en Adolescentes. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 20, n. 2, p.167-179. 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80421265002>>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

GORDON, M. "Roots of empathy": Responsive parenting, caring societies, **Keio Journal of Medicine**, v. 52, n. 4, p. 236-243. 2002. <https://doi.org/10.2302/kjm.52.236>

HAWTON, K.; HILL, N. T.; GOULD, M.; JOHN, A.; LASCELLES, K.; ROBINSON, J. Clustering of suicides in children and adolescents. **The Lancet: Child & Adolescent Health**, v. 4, n. 1, p. 58-67. 2020. [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(19\)30335-9](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(19)30335-9)

HOFFMAN, M. L. **Empathy and moral development**: implications for caring and justice. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2000. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511805851>

JORM, A. F. Mental health literacy. Public knowledge and beliefs about mental disorders. **British Journal of Psychiatry**, v. 177, n. 5, p. 396-401. 2000. <https://doi.org/10.1192/bjp.177.5.396>

KING, A. K.; VIDOURER, R. A.; STRADER, J. L. University Students' Perceived Self-Efficacy in Identifying Suicidal Warning Signs and Helping Suicidal Friends Find Campus Intervention Resources. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, v. 38, n. 5, p. 608-617. 2008. <https://doi.org/10.1521/suli.2008.38.5.608>

MILIAUSKAS, C. R.; FAUS, D. P. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis**, v. 30, n. 4, p. 1-8. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300402>.

MO, P. K. H.; KO, T. T.; XIN, M. Q. School-based gatekeeper training programmes in enhancing gatekeepers' cognitions and behaviours for adolescent suicide prevention: a systematic review. **Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health**, 12, 2018. <https://doi.org/10.1186/s13034-018-0233-4>

MOIANO, S. Depressão e ansiedade entre jovens dobraram durante a pandemia, revela pesquisa. CNN Brasil. 12 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/depressao-e-ansiedade-entre-jovens-dobraram-durante-a-pandemia-revela-pesquisa/>. Acesso em: 29 de junho de 2021.

MOREIRA, L. C. O.; BASTOS, P. R. H. O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 445-453. 2015. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193857>

MUELLER, M. A.; WASS, G. A. College students' perceptions of suicide: the role of empathy on attitudes, evaluation, and responsiveness. **Death Studies**, v. 26, n. 4, p. 325-341. 2002. <http://dx.doi.org/10.1080/074811802753594709>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção do suicídio**: manual para professores e educadores. Genebra: OMS, 2000.

ORGANOZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Após 18 meses de pandemia de COVID-19, OPAS pede prioridade para prevenção ao suicídio. OPAS. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/9-9-2021-apos-18-meses-pandemia-covid-19-opas-pe-de-prioridade-para-prevencao-ao-suicidio>>. Acesso em: 21 de junho de 2022.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12ed. Porto Alegre: AMGH. 2013.

PRADO, A. S.; PINTO, L. R. A contribuição da escola para a prevenção do suicídio: um enfoque nos fatores de risco. **Revista Mundi**, v. 5, n. 1, p. 75-94. 2020.

ROGERS, C. R.; ROSENBERG, R. L. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 1-2. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>

SAMPAIO, D.; OLIVEIRA, A.; VINAGRE, M. G.; GOUVEIA-PEREIRA, M.; SANTOS, N.; ORDAZ, O. Representações sociais do suicídio em estudantes do ensino secundário. **Análise Psicológica**, v. 18, n. 2, p. 139-155, 2000.

Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0870-82312000000200001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0870-82312000000200001&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 19 de junho 2022.

SCAVACINI, K. **O suicídio é um problema de todos**: a consciência, a competência e o diálogo na prevenção e posvenção do suicídio. 271f. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

Secretaria de Saúde – BA. OMS alerta: Suicídio é a 3ª causa de morte de jovens brasileiros entre 15 e 29 anos. Governo do Estado – Notícias. Secretaria de Saúde – BA. 10 de setembro de 2020. Disponível em: <<http://www.saude.ba.gov.br/2020/09/10/oms-alerta-suicidio-e-a-3a-causa-de-morte-de-jovens-brasileiros-entre-15-e-29-anos/>>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

SOUSA, E. P. **A atitude empática e a facilitação da aprendizagem em aulas de química**: um estudo de caso em contexto de ensino médio. 135f. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e Saúde). Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

STEWART, J. G.; SHIELDS, G. S.; ESPOSITO, E. C.; COSBY, E. A.; ALLEN, N. B.; SLAVICH, G. M.; AUERBACH, R. P. Life Stress and Suicide in Adolescents. **J Abnorm Child Psychol**, v. 47, n. 10, p. 1707-1722. 2019. <https://doi.org/10.1007/s10802-019-00534-5>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide in the world**: global health estimates. EUA: World Health Organization. 32p. 2019.